



1.28 • Conjuntura internacional

A CONSOLIDAÇÃO DO PODER POR XI JINPING

Jorge Tavares da Silva

DESDE 1949, COM A IMPLANTAÇÃO da República Popular da China (RPC), por intermédio de Mao Tsé-Tung, que se contabilizam cinco gerações de líderes¹. A última, a quinta, foi eleita em 2012 e chegou ao poder em 2013, sendo encabeçada por Xi Jinping e Li Keqiang (2012-2022), em substituição de Hu Jintao e Wen Jiabao (2002-2012). As transformações foram substanciais com a entrada desta nova liderança, sendo considerada a mais desafiante para os destinos do país desde o programa de reformas e abertura de Deng Xiaoping, em 1978. Desde logo, porque cerca de 70% dos membros do Politburo, do Conselho de Estado e da Comissão Militar foram substituídos, uma alteração muito significativa na cúpula governativa de uma só vez. Por outro lado, o estilo de governação do presidente contrastou substancialmente com o do líder anterior, Hu Jintao. Este tinha ficado marcado por uma postura muito conciliadora, baseada na procura de consenso, embora pouco assertiva na tomada de decisões. O facto de este ter sido sempre mais reservado, pouco deixando transparecer quanto ao seu pensamento, levou Kerry Brown (2012) a denominar Hu como “o governante silencioso da China”. Pelo contrário, Xi Jinping chegou com uma enorme determinação política, assumindo uma postura assertiva, assente no poder do líder e do partido, combatendo as desigualdades sociais e a corrupção, recorrendo ao autoritarismo e visando, para além da sustentabilidade económica, a promoção da China a potência global. Na essência, estamos perante o líder chinês mais poderoso dos últimos vinte e cinco anos.

Anatomia política de Xi Jinping

O presidente Xi Jinping, igualmente secretário-geral do Partido Comunista Chinês (PCC) e comandante-chefe do Exército Popular de Libertação (EPL), é filho de Xi Zhongxun, líder histórico do partido, e casado com a conhecida cantora *folk* Peng Liyuan. Nasceu em 1953, já depois de fundada a RPC (1949), num ambiente privilegiado em Pequim, próprio para as famílias dos altos quadros partidários. Durante a Revolução Cultural (1966-1976) viria a conhecer os efeitos cruéis da política de Mao, depois de o seu pai ter sido expurgado por envolvimento em campanhas contra o partido (1962). Xi Jinping tinha nove anos quando o seu pai foi colocado numa fábrica no centro da China para trabalhar, tendo este sido torturado no período da Revolução Cultural e sujeito a prisão domiciliária durante dez anos. Apenas seria libertado em 1977, já depois da morte de Mao. Na sequência do destino do pai, Xi Jinping acaba por ser também enviado para uma comuna agrícola na longínqua província de Shaanxi. A sua boa complexão física e força para o trabalho ajudaram-

-no a resistir às adversidades, tendo chegado a competir em lutas com os locais. A sua reputação entre os camponeses levou a que estes o nomeassem para integrar o Partido Comunista Chinês em 1974, e depois para secretário na brigada de produção ao nível da aldeia. No ano seguinte, por recomendação política, seria admitido na Universidade de Qinghua em Pequim.

Em 1979 terminaria o curso de engenharia química, numa altura em que o seu pai regressava ao poder como governador de Guangdong. Por intercedência familiar, Xi ocuparia importantes cargos nos gabinetes administrativos do partido, no Conselho de Estado e na Comissão Central Militar. Em 1982 consegue chegar a secretário do partido no município de Zhengding, na província de Hebei, e, em 1985, instala-se em Fujian para exercer, entre outros, o cargo de membro do Comité Permanente na cidade portuária de Xiamen. Em 1988, Xi é promovido a secretário do PCC na câmara de Ningde, tendo sido marcada a sua governação por bons resultados económicos para a região. De notar que esta região, pela proximidade à ilha de Taiwan, recebe fortes investimentos dos empresários insulares. Dois anos depois, Xi Jinping chega a secretário do PCC da capital provincial de Fuzhou.

“
A afirmação da China passa pelo desenvolvimento de megaprojetos como “uma faixa, uma rota” (*yidai yilu*), que procura revitalizar as antigas vias comerciais entre a Ásia e a Europa.

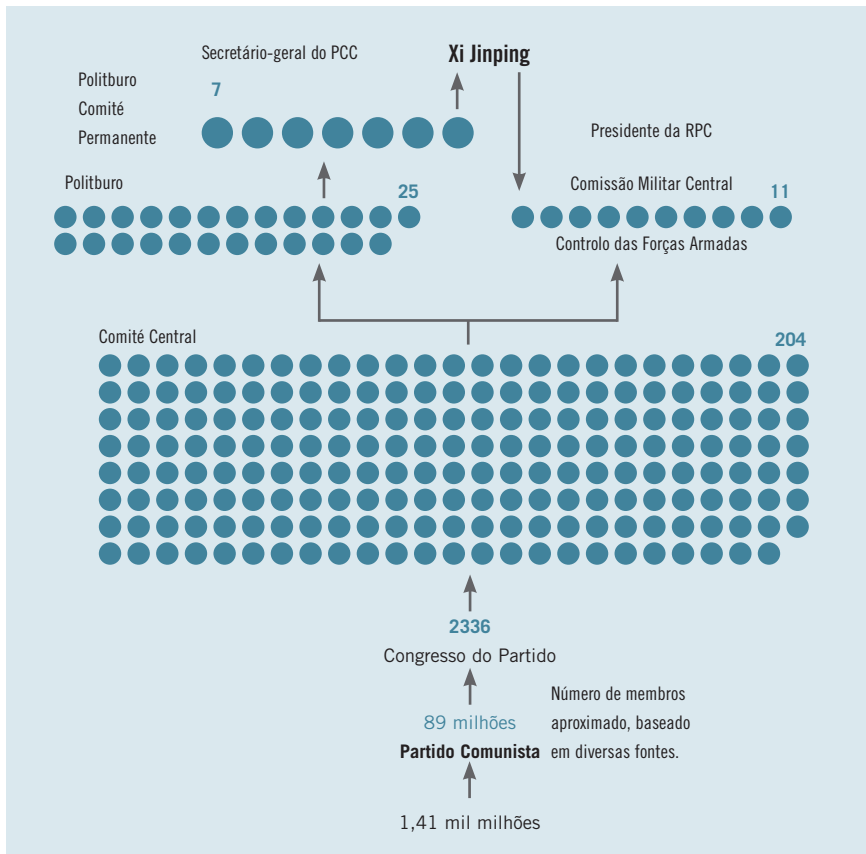
Torna-se interessante verificar que o processo de ascensão desta figura política segue o modelo meritocrático chinês, progredindo desde o nível da aldeia para o de município, depois o nível de cidade, câmara, até chegar ao patamar provincial. Em 1995, Xi Jinping assume o cargo de secretário adjunto do PCC da província de Fujian e, a partir de 1997, o Departamento de Organização Central prepara a sua ascensão para o nível central, sob a influência de Jiang Zemin. Xi Jinping tinha sido um dos defensores da campanha das “três representações” (*sange daibiao*) lançada pelo presidente Jiang Zemin (1993-2003), o que levou a que este antigo líder promovesse a sua ascensão. A sua baixa rigidez ideológica permitiu-lhe receber apoios tanto da linha dura como dos membros mais liberais no seio do Partido Comunista Chi-

nês. Em 2000 é indicado para governador da província de Fujian, tendo ganhado notoriedade por ter realojado 43 mil pessoas em Fuzhou, as quais viviam em condições precárias. Xi Jinping ganhou uma imagem de líder com forte sensibilidade social, empenhado também no combate à corrupção entre membros do partido. Antes do XVI Congresso do PCC, Xi é transferido para Zhejiang, o que lhe dá credenciais para ascender como sucessor na cúpula do partido, como se verá em 2012.

A revitalização do orgulho nacional

A liderança política de Xi Jinping, iniciada nesse ano, fica imediatamente marcada pela tentativa de revitalização do orgulho da nação chinesa, enquadrado no *slogan* político do “Sonho da China” (*Zhongguo meng*). Em grande medida, está implícito o desejo da recuperação da grandeza perdida, motivar o orgulho nacional e fazer renascer a grande civilização e cultura do país. Contrariando a tradicional postura de vitimização devido às humilhações sofridas às mãos das nações ocidentais no século XIX, particularmente o Reino Unido e nas Guerras do Ópio, procura agora exacerbar o orgulho nacional. Este processo de “galvanização nacionalista”, como é classificado por Xulio Ríos (2016), é possível desenvolver-se num quadro de hegemonia autoritária do PCC. Num sistema político de Partido-Estado, assente numa base marxista-leninista, a economia liberal tem sido o motor para tornar a China numa potência global. Torna-se fundamental a passagem de um modelo assente no trabalho de baixo custo para uma economia moderna, com crescimento sustentado e com uma estratégia de consumo interno. Este desiderato ficou expresso no XIX Congresso do PCC, realizado em outubro de 2017, quando, no discurso de encerramento, Xi Jinping aludiu à noção de “grande rejuvenescimento da nação”. A ideia é dar prioridade ao poder do Partido e à posição da China no mundo, a partir da necessidade de unidade entre todos os chineses, numa conjugação de esforços entre a economia, a política interna e a política externa apelidada “grande estratégia” (*da zhanlue*). Este processo não deixa de ter em conta os indicadores de opinião pública, usando instrumentos para a controlar, de forma a evitar tendências de democratização de estilo ocidental. Também se tem verificado uma tentativa de reverter a opinião pública internacional a seu favor, muitas vezes através do controlo, por meio de aquisição dos meios de comunicação social estrangeiros, em operações denominadas de “*sharp power*”.

A afirmação da China passa pelo desenvolvimento de megaprojetos como “uma faixa, uma rota” (*yidai yilu*), que procura revitalizar as antigas



O Partido Comunista Chinês – estrutura da liderança

Fonte: AFP/CCP/W. A. Joseph. *Politics in China/China daily/USCRS* (adaptado).

vias comerciais entre a Ásia e a Europa. Esta iniciativa, com enormes implicações geopolíticas, é considerada pelo presidente Xi Jinping como o “projeto do século”, incluindo uma complexa rede de ferrovias, portos, estradas, gasodutos e oleodutos na Ásia Central, Europa e África. Desta forma, os fluxos comerciais ficarão voltados para a China, enquanto outros atores e blocos regionais tenderão a perder a sua relevância. A importância do papel da China no contexto internacional contrasta com a postura tendencialmente isolacionista assumida pela administração Trump. Xi Jinping propõe ao mundo a “solução chinesa”, isto é, um conjunto de deliberações para os problemas do plano regional ou global, em vez da via americana. É neste quadro que na Cimeira de Davos (2017), Xi Jinping, contrário ao pensamento do presidente dos Estados Unidos, com pendor protecionista e isolacionista, surge como defensor do liberalismo económico.

O reforço da liderança após o XIX Congresso do PCC

Em 11 de março de 2018, a 13.^a Assembleia Nacional Popular, com os seus cerca de 3000 delegados, aprovou uma emenda à Constituição, a primeira a ocorrer na China nos últimos catorze anos em que 2958 delegados votaram a favor, dois contra, três abstiveram-se, dezasseis faltaram e um voto foi declarado inválido. Esta alteração trouxe o fim da limitação no número de mandatos, que vigorava desde 1982, o que tem implícito um reforço do poder para o líder Xi Jinping, identificado pela imprensa internacional como um “autocrata confucionista”. Na verdade, tratou-se de uma vaga de

vinte e uma alterações, introduzidas na sequência do XIX Congresso do PCC, realizado em outubro de 2017. O Comitê Central do PCC ganhou poder face ao Conselho de Estado, reservando para si as grandes questões da economia nacional. Inclui-se também a introdução do pensamento do líder chinês na Constituição, ao consagrar expressamente o “socialismo com características chinesas (*Zhongguo tese shehuizhuyi*) para uma nova era”. Esta sacralização torna a figura do líder isenta de crítica, servindo o conteúdo das ideias como guia. A limitação de mandatos rompe com uma tradição estável de sucessão do poder, subtilmente acautelada por Deng Xiaoping, o líder responsável pelo programa de reformas económicas na China, em 1982. Em causa estava o trágico período da era de Mao, marcado por uma enorme instabilidade, particularmente na fase da Revolução Cultural (1966-1976), gerido pelo poder centralizado num homem só. As transições políticas a partir de Deng, passando por Jiang Zemin até Hu Jintao, fizeram-se de forma gradual. Por exemplo, a liderança da Comissão Militar Central (CMC), sob a alçada do partido, não passava imediatamente para o controlo do novo líder, permanecendo por algum tempo sob a gestão do presidente que deixou o cargo. Xi Jinping contrariou esta tradição, assumindo o poder total desde o primeiro momento. Assim, o presidente chinês, para além da presidência da RPC, acumula também o cargo de secretário-geral do partido e a presidência da CMC, comandante-chefe do Exército da RPC e da Comissão Central de Segurança Nacional, e ainda o controlo da entidade responsável pela segurança do ciberespaço. A liderança chinesa de Xi Jinping tem seguido um

certo culto em volta da sua figura, o que já não se via desde a era de Mao. Aumentaram consideravelmente as referências propagandísticas à figura do líder, aparecendo representado nas ruas das cidades, espaços públicos e privados, nos jornais e televisões, para além da disseminação de obras com o seu próprio pensamento. A sua presença engrandece eventos internacionais e tornou-se o grande defensor das dinâmicas económicas da globalização. A sua capacidade em aplicar medidas austeras contrasta com as duas anteriores lideranças, porque parece responder melhor aos objetivos coletivos. Inclui-se o recente sistema de “créditos sociais”, que visa premiar ou penalizar os cidadãos chineses conforme a sua conduta na sociedade. A luta contra a corrupção é entendida por muitos analistas como uma forma para Xi afirmar poder, com os líderes que lhe são mais próximos a poder consolidar o controlo sobre os níveis superiores do partido e as empresas estatais. Na verdade, as ações anticorrupção levaram ao afastamento de vários membros do PCC. Nos primeiros cinco anos de liderança, cerca de 100 000 pessoas foram acusadas de atos de corrupção, das quais mais de cento e vinte eram altos quadros do PCC. No conjunto, estas dinâmicas são a expressão de um modelo político autoritário e vigilante, centrado na figurada do líder, que mais não tem feito do que procurar o poder ilimitado. ■

Notas

¹ Em 1958, o Governo chinês anunciou o estabelecimento do *banyu pinyin*, um sistema de transliteração dos sons do mandarim para as línguas românicas. Neste trabalho, nas referências aos nomes e lugares de origem chinesa usamos, por vezes, as versões anteriores, nomeadamente o sistema *wade-giles*, pelo facto de as denominações serem mais amplamente conhecidas. Assim, aparece, por exemplo, Mao Tsé Tung, em vez de Mao Zedong, ou Pequim em vez de Beijing.

Referências

- Brown, Kerry (2016), *CEO, China – The Rise of Xi Jinping*. London: I. B. Taurus.
- Godment, François (2013), “Xi Jinping’s China”, *European Council on Foreign Relations*, 1-8.
- Joseph, William A. (2014), *Politics in China – An Introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Overholt, William H. (2018), *China’s Crisis of Success*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ríos, Xulio (2016), *China Moderna – Una Inmersión Rápida*. Barcelona: Tibidabo Ediciones.
- Wang, Zheng (2013), “The Chinese Dream: Concept and Context”, *Journal of Chinese Political Science*, 1-13.
- Xi, Jinping (2017), “Full text of Xi Jinping’s report at 19th CPC National Congress”, http://www.xinhuanet.com/english/special/2017-11/03/c_136725942.htm.